



XIII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



19 a 21 de Setembro de 2019 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **06/06/2019**

Aprovado em: **06/06/2019**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2019.13.06.24>

AS CONTRIBUIÇÕES DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA O ENSINO SUPERIOR - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
THE CONTRIBUTIONS OF ACTIVE METHODOLOGIES FOR HIGHER EDUCATION A REPORT OF EXPERIENCE
LAS CONTRIBUCIONES DE LAS METODOLOGÍAS ACTIVAS PARA LA ENSEÑANZA SUPERIOR - UN RELATO DE EXPERIENCIA

EIXO: 6. ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

WILDMA MESQUITA SILVA, KARINE KEILY RANGEL TEIXEIRA, ELAINE BARROS CAPOBIANGO

Nos dias atuais, em razão do grande avanço tecnológico e de informação, o papel do docente se tornou complexo e desafiador. Diante disso, utilizar estratégias que incentivam o protagonismo dos estudantes, pode apresentar resultados positivos. O trabalho teve como objetivo, descrever a experiência de ministrar uma oficina de formação para docentes, em uma Instituição de Ensino Superior, sobre metodologias que estimulam a aprendizagem ativa. A metodologia utilizada foi relato de experiência que adota como base a revisão bibliográfica, a partir de uma abordagem qualitativa e de observação. A oficina oportunizou aos docentes rever suas práticas metodológicas, a fim de contribuir para um processo de ensino e aprendizagem ativo. A oficina provocou e incentivou a reflexão das práticas docentes e fomentou perspectivas positivas quanto à utilização de estratégias pedagógicas diferenciadas.

Today, due to the great technological and informational advance, the role of the teacher has become complex and challenging. Therefore, using strategies that encourage the protagonism of students, can present positive results. Objective: To describe the experience of teaching a training workshop for teachers in a Higher Education Institution about methodologies that stimulate active learning. Methodology: A report of experience that adopts as basis the bibliographic review, based on a qualitative and observational approach. The workshop enabled teachers to review their methodological practices in order to contribute to an active teaching. The workshop provoked and encouraged reflection on teaching practices and fostered positive perspectives regarding the use of differentiated pedagogical strategies.

Nos damos a conocer, a la luz de las grandes tecnologías y de la información, o al papel de la complejidad y el desafío. Dios disso, utilizar estrategias para incentivar el protagonismo de los estudiantes, pode apresentar resultados positivos. O trabalho teve as objetivo, descrever a experiência de ministrar uma oficina de formação para docentes, em uma Instituição de Ensino Superior, sobre metodologías que estiman un aprendizaje. Una metodología para la revisión de la experiencia que se basa en una revisión bibliográfica, a partir de un abordaje cualitativo y de observación. A office oportunizou aos docentes rever suas práticas metodológicas, un fim de contribuir para un proceso de aprendizaje y aprendizaje. Una oficina provocó e incentivó un reflejo de las prácticas docentes y fomentó las perspectivas de uso de estrategias estratégicas pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, em decorrência do grande avanço tecnológico e do acesso às informações, o papel do docente tem se tornado cada vez mais difícil, no que diz respeito ao envolvimento dos estudantes em um processo de ensino e aprendizagem significativo. Por isso, a inovação se faz emergente e fundamental, buscando utilizar estratégias que incentivem o protagonismo dos estudantes, a fim de garantir uma efetiva construção do conhecimento.

Nesse sentido, uma Universidade Comunitária, localizada no Leste de Minas Gerais, tem ofertado aos seus docentes uma semana pedagógica, denominada *Workshop Experience*, com formações, palestras e oficinas, que tem como objetivo incentivar o aperfeiçoamento profissional e novas práticas de ensino ao corpo docente. O *Workshop Experience* acontece no início do semestre letivo e sempre é marcado com novidades e transformações na rotina dos docentes.

Nessa segunda edição realizada em 2019, foram ofertadas 31 oficinas, sendo algumas delas no período matutino e outras no período noturno. Todas elas tiveram como principal objetivo apresentar aos professores novos caminhos e metodologias educacionais para que aprimorem e revejam suas práticas, o que Freire (1996) denominou ação-reflexão-ação.

Este artigo trata, portanto, de um relato de experiência, resultado da oferta de uma oficina ministrada pela autora, no II *Workshop Experience*. A mesma oficina foi oferecida em dois turnos (matutino e noturno) com os seguintes objetivos: conhecer as metodologias ativas; refletir sobre a utilização de metodologias ativas na prática docente; aplicar uma estratégia metodológica ativa em atividade de Atividade Prática Supervisionada - APS[i].

Como o tema da oficina era bastante instigante, foi um momento que proporcionou participação ativa dos docentes que se inscreveram de maneira voluntária, conforme descreveremos neste artigo. Além da introdução, apresentaremos o percurso que trilhamos para o desenvolvimento da oficina como um momento de formação pedagógica. Descreveremos, com detalhes, as ações realizadas, delineando, ao final, nossas percepções.

Por fim, revelaremos os resultados da experiência relatada neste artigo que foi muito relevante, tanto para quem ministrou quanto para quem participou.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

As metodologias denominadas ativas são concepções que defendem o protagonismo dos estudantes, ou seja, eles têm um papel ativo e fundamental na construção do próprio conhecimento. Freire (1996) defende a postura ativa dos estudantes, de forma que o professor passa a ser o mediador do processo de ensino e aprendizagem, deixando de ser um mero transmissor de conteúdo. Para o autor, “[...] ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 22, grifos do autor).

Além disso, Freire (1978) chamou de educação bancária e a caracterizou como opressora, pois conduz os estudantes ao simples memorizar, como se esses fossem caixas para depósito das informações. Contudo, chamou de libertadora e problematizadora a educação que incentiva o sujeito a pensar, a se questionar e ter sua própria visão de mundo, pois “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 1978, p. 66). Portanto, as metodologias que estimulam uma posição ativa e também proporcionam interação dos estudantes uns com os outros na busca por uma

aprendizagem relevante, não são novidades no campo da educação.

Além disso, o autor Lev Vygotsky aborda a teoria da aprendizagem em seus estudos e também defende que a aprendizagem ocorre quando há interação dos indivíduos uns com os outros, como afirma Oliveira (1997), ao citar os fundamentos interacionistas como processos mentais de origem social: “o desenvolvimento da espécie humana e do indivíduo dessa espécie está, pois, baseado no aprendizado que, para Vygotsky, sempre envolve a interferência, direta ou indireta, de outros indivíduos e a reconstrução pessoal da experiência e dos significados” (OLIVEIRA, 1997, p. 79).

Nesse contexto, é importante destacar que cada indivíduo tem seu ritmo de aprendizagem, com tempos e formas diferentes uns dos outros, e essa aprendizagem ocorre para si próprio e no meio social. Nessa perspectiva, Oliveira (1997) também afirma que, para Vygotsky a aprendizagem ocorre dentro da zona de desenvolvimento proximal - ZDP, que é a distância entre o nível de desenvolvimento real (capacidade do indivíduo resolver problemas sozinho) e o nível de desenvolvimento potencial (capacidade do indivíduo resolver problemas com a ajuda de um adulto). Assim, o professor deve considerar o conhecimento que o indivíduo já possui e, a partir dele, provocar outras aprendizagens.

Corroborando com essa ideia, Camargo e Daros (2018) destacam que é importante considerar os conhecimentos prévios dos estudantes e a forma como adquirem novos conhecimentos, com o objetivo principal de possibilitar caminhos para uma aprendizagem sólida e significativa.

De acordo com Moreira (1985), estudioso da teoria de David Ausubel, a aprendizagem significativa “é um processo através do qual uma nova informação relaciona-se com um aspecto relevante da estrutura do conhecimento do indivíduo. Ou seja, este processo envolve a interação da nova informação com uma estrutura de conhecimento específica” (MOREIRA, 1985, p. 62).

Portanto, compreender que os estudantes aprendem na interação uns com os outros, mediados pelos docentes, e que a aprendizagem se torna significativa quando se considera o conhecimento que o sujeito já tem ancorado em um novo conhecimento, significa respeitar a maneira e o ritmo que cada indivíduo desenvolve para aprender. Assim, com o intuito de garantir êxito no processo de ensino e aprendizagem, o docente deve personalizar e direcionar suas práticas, considerando as diferentes formas de pensar e aprender que os estudantes possuem.

Nesse contexto, faz-se necessário basicamente, uma mudança de paradigma[ii] educacional e principalmente na revisão da própria prática docente. É fundamental refletir sobre as metodologias como um processo e não como um fim, como aspecto promotor da reflexão-ação docente, conforme propõe Freire (1996, p. 40): “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

As mudanças na área da educação e a revisão da prática docente se fazem emergentes nos dias de hoje, pois o mundo está em constante movimento, gerando transformações, principalmente no que diz respeito ao avanço tecnológico e ao acesso às informações. Esse movimento impulsiona grandes modificações no comportamento da sociedade, diretamente ligadas à criatividade e à inovação, como afirmam Camargo e Daros (2018). O meio educacional é um dos setores da sociedade que recebe impacto direto relacionado às modificações de comportamento dos sujeitos em consequência dos avanços tecnológicos. E é com o pensamento inovador que devemos planejar metodologias que possibilitem uma aprendizagem sólida, capaz de enfrentar e/ou acompanhar os avanços tecnológicos e o mundo de informações e comunicações em que vivemos atualmente. Pensar em metodologias que vençam as barreiras da simples e velha hegemonia das aulas tradicionais e expositivas, onde o ato de memorizar impera, tanto nas aulas quanto nas avaliações, como Camargo e Daros (2018, p.17) propõem:

a metodologia de ensino tradicional mostra-se inconsistente com a necessidade atual, ou seja, o modelo atual apresenta-se saturado e os

resultados apresentados por ele não se dão de modo satisfatório. A metodologia ativa de aprendizagem mostra-se como uma forma de preencher essa lacuna ou campo demandado e pouco explorado.

As metodologias ativas oportunizam a utilização de estratégias motivadoras e criativas que permitem a construção de um conhecimento participativo e colaborativo, caracterizado pelo envolvimento de todos os atores do processo, onde, os estudantes são “escalados” como os protagonistas responsáveis pelo seu papel. Nessas metodologias, o papel do professor não é desmerecido, ele é peça importantíssima e fundamental no processo, atuando como mediador e problematizador.

Neves (2018) afirma que, para garantir o sucesso na implantação das metodologias ativas é necessário forte engajamento, tanto dos docentes quanto dos estudantes, nas atividades propostas, contempladas pelos diversos estilos de aprendizagem dos envolvidos. Nesse sentido, os benefícios da implantação das metodologias ativas são inúmeros, com resultados positivos, pois elas “aprofundam os conhecimentos, estimulam a comunicação, ampliam a capacidade de ouvir a outra pessoa, estimulam os trabalhos em equipes, desenvolvem a motivação individual e a coletiva, bem como diversificam os estilos individuais de aprendizagem” (NEVES, 2018, p. 13).

Segundo Mattar (2017), é importante garantir que as metodologias ativas proporcionem aos estudantes o deslocamento da posição tradicional de recipientes e vasilhas, para o protagonismo na construção do conhecimento, visto que, nessas metodologias, o estudante é incentivado a abandonar a posição receptiva das informações e participar ativamente do processo. Essa participação é feita de diversos ângulos: “[...] decisor, criador, jogador, professor, ator, pesquisador e assim por diante; de alguma maneira, ele deixa de ser aluno [...]” (MATTAR, 2017, p. 22). Para isso, Anastasiou e Alves (2010) afirmam que compete ao professor o grande desafio de planejar, escolher as estratégias mais adequadas e conduzir esse processo, a fim de garantir a efetiva construção do conhecimento.

Nesse sentido, apresentaremos na próxima seção deste artigo, algumas estratégias metodológicas que, dependendo do conteúdo e dos objetivos propostos pelos docentes, poderão ser utilizadas em sala de aula para contribuir com a aprendizagem ativa dos estudantes.

2.1 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Para o desenvolvimento da parte prática da oficina (que detalharemos na seção 3), foram distribuídas entre os grupos, 04 (quatro) “cartilhas” diferentes, contendo em cada uma delas, quatro estratégias distintas, constituindo o total de 16 (dezesesseis) estratégias[iii], que são: Painel de Grupos; Aprendendo a Perguntar; *Peer Instruction* (Instrução Pelos Pares); Aplicativos; Estudo de Caso; Mapa Conceitual; Lista de Discussão por Meios Informatizados; *Phillips 66*; Grupo de Verbalização e de Observação (GV/GO); Dramatização; Seminário; Júri Simulado; Tempestade Cerebral; Aula Expositiva Dialogada; Solução de Problemas; *Storytelling* (narração de histórias).

Abordaremos as estratégias escolhidas pelos grupos de docentes participantes das oficinas (manhã e noite) e seus respectivos conceitos, como descritos por Anastasiou e Alves (2010) e Miranda (2016).

2.1.1 TEMPESTADE CEREBRAL

A Tempestade Cerebral é uma possibilidade de estimular a geração de novas ideias de forma espontânea e natural, deixando fluir a imaginação. Nessa estratégia, não há certo ou errado. Tudo o que for levantado pelos alunos será considerado, solicitando, se necessário, uma explicação posterior do estudante.

A avaliação é feita pela observação das habilidades dos estudantes na apresentação das ideias quanto à: capacidade criativa, concisão, logicidade, aplicabilidade e pertinência, bem como seu desempenho na descoberta de soluções apropriadas ao problema apresentado.

2.1.2 PHILLIPS 66

Phillips 66 consiste em uma atividade grupal, onde são feitas análise e discussão sobre temas/problemas do contexto dos estudantes. Essa estratégia pode também ser útil para a obtenção de informação rápida sobre interesses, problemas, sugestões e questionamentos.

A avaliação deve ser processada em seu fechamento. Os avanços alcançados, os desafios e as dificuldades enfrentadas variam conforme a maturidade e a autonomia dos estudantes e devem ser encarados processualmente.

2.1.3 LISTA DE DISCUSSÃO POR MEIOS INFORMATIZADOS

É uma oportunidade de um grupo de pessoas debater a distância um tema sobre o qual sejam especialistas ou tenham realizado um estudo prévio, ou queiram aprofundá-lo por meio eletrônico.

A avaliação deve ser feita ao longo do processo, cabendo a todos esse acompanhamento.

No entanto, como o professor é o responsável pelo processo, o acompanhamento das participações, da qualidade das inclusões, das elaborações apresentadas, torna-se elemento fundamental para as retomadas necessárias, na lista de discussão e, oportunamente, em classe.

2.1.4 GRUPO DE VERBALIZAÇÃO E DE OBSERVAÇÃO (GV/GO)

O Grupo de Verbalização e de Observação (GV/GO) é uma análise de temas/problemas sob a coordenação do professor, que divide os estudantes em dois grupos: um de verbalização (GV), e o outro de observação (GO). É uma estratégia aplicada, com sucesso, ao longo do processo de construção do conhecimento, e que requer leituras, estudos preliminares, enfim, um contato inicial com o tema.

Na construção do conhecimento, essa dinâmica surte melhor resultado se utilizada para o momento de síntese, pois exige dos participantes inúmeras operações de pensamento, tais como: análise, interpretação crítica, obtenção e organização de dados, comparação, resumo, observação etc. Essas operações não são simples, exigindo, inclusive, do professor e do estudante, um envolvimento que antecede a realização da própria estratégia, com a realização de busca de informações através de leituras em livros, em revistas e/ ou na internet, conforme o problema em questão. O grupo de verbalização será avaliado pelo professor e pelos colegas da observação.

2.1.5 JÚRI SIMULADO

Essa atividade constitui na simulação de um júri em que, a partir de um problema, são apresentados argumentos de defesa e de acusação. Pode levar o grupo à análise e avaliação de um fato proposto com objetividade e realismo, à crítica construtiva de uma situação e à dinamização do grupo para estudar profundamente um tema real.

A estratégia de um júri simulado leva em consideração a possibilidade da realização de inúmeras operações de pensamento como: defesa de ideias, argumentação, julgamento, tomada de decisão etc. Sua preparação é de intensa mobilização, pois, além de ativar a busca do conteúdo em si, os aparatos de outro ambiente (roupas, mobiliário etc) oportunizam um envolvimento de todos para além da sala de aula. Ainda, a estratégia pode ser regada de espírito de dramaturgia, o que deixa a atividade interessante para todos, independentemente da função que desenvolverão na apresentação final. Essa estratégia engloba todos os momentos da construção do conhecimento, da mobilização à síntese, pela sua característica de possibilitar o envolvimento de um número elevado de estudantes.

Deve-se considerar a apresentação concisa, clara e lógica das ideias, a profundidade dos conhecimentos e a argumentação fundamentada dos diversos papéis.

2.1.6 DRAMATIZAÇÃO

A Dramatização é uma representação teatral, a partir de um foco, problema, tema etc. Pode conter explicitação de ideias, conceitos, argumentos, e ser também um jeito particular de estudo de casos, já que a teatralização de um problema ou situação frente aos estudantes equivale a lhes apresentar um caso de relações humanas. A dramatização traz à sala de aula um pedaço da realidade social, de forma viva e espontânea, para ser observada e analisada pelos estudantes.

Em relação às dimensões da construção do conhecimento, a dramatização pode ser utilizada especialmente para os momentos de mobilização e de síntese. Na mobilização, como incentivo a mergulhar numa problemática real, e como síntese, para verificar o alcance do grupo na realização de uma problemática existente, em análise e /ou discussão. O grupo será avaliado pelo professor e pelos colegas.

2.1.7 PAINEL DE GRUPOS

No Painel de Grupos, a turma deve ser dividida em três grupos, com as seguintes nomenclaturas: Grupo (Apresentador), Grupo (Opositor) e Assembleia.

Após o estudo do texto, o Grupo Apresentador se encarregará de expor (sem interrupções) o seu conteúdo pelo tempo limite que será estabelecido previamente. O Grupo Opositor deverá anotar aspectos com os quais não concorda e com os quais concorda, incluindo também eventuais contradições e/ou lacunas no conhecimento adquirido por meio do texto e como esse conhecimento pode se relacionar com a sua prática e com a sua vida, modificando-as. Após a exposição do Grupo Apresentador, o Grupo Opositor apresentará suas anotações. A Assembleia, que tudo ouviu e anotou, dará seu depoimento em um exercício de reflexão crítica. O docente concluirá fazendo seus comentários.

2.1.8 APRENDENDO A PERGUNTAR

A atividade *Aprendendo a perguntar* deve ser utilizada após o estudo do texto realizado em sala, seguindo os seguintes passos: distribuir pedaços de papel aos estudantes e pedir para que elaborem uma pergunta acerca do texto, dobrando o papel logo em seguida. Recolher as perguntas, misturá-las, colocando-as em um cesto ou caixa. Solicitar que um estudante faça o sorteio de um papel e leia a pergunta em voz alta.

O autor da pergunta será convidado a respondê-la e, então, o professor provocará uma rápida discussão. O autor poderá argumentar que, se perguntou é porque não sabe a resposta, mas o professor o incentivará a explorar a questão do seu jeito, expressar o que ele compreende acerca da questão, sem temer errar, justificando que todos estão aprendendo juntos. Depois da resposta do estudante, deve-se assumir a mediação da atividade, explanando sobre a questão posta, buscando ajustar a resposta do estudante à expectativa do texto estudado.

Dando sequência à atividade, fazer novos sorteios até que se esgotem as perguntas. Outra variável para esta atividade é pedir que os estudantes façam perguntas em grupos ou ainda solicitar ao estudante que fez o sorteio, escolher um colega para responder a pergunta.

3 METODOLOGIA

Este trabalho refere-se a um relato de experiência, que teve como base metodológica a revisão bibliográfica, a partir de uma abordagem qualitativa de natureza descritiva. Tal experiência deve-se à participação, como ministrante, de uma oficina ofertada no II *Workshop Experience*, em 2019, evento de uma Universidade Comunitária, localizada no Leste de Minas Gerais. A respectiva Universidade oferta 27 (vinte e sete) cursos de graduação[iv], divididos em quatro núcleos, a saber: Núcleo da Saúde, Núcleo das Ciências e Tecnologia, Núcleo da Comunicação e Humanidades e Núcleo das Licenciaturas.

O *Workshop Experience* é promovido pela gestão da Universidade no início do primeiro semestre de cada ano, como forma de acolhida e formação para os professores, cerca de 291 (duzentos e noventa e um). No *Workshop* são abordados diversos temas sobre as metodologias utilizadas no ensino superior, por meio de oficinas variadas, com o objetivo de incentivar o aperfeiçoamento profissional e novas práticas de ensino do corpo docente. Além de oportunizar o aperfeiçoamento profissional e a formação continuada aos docentes, a Instituição incentiva também a revisão curricular dos cursos oferecidos, em busca de novos caminhos rumo à flexibilização, interdisciplinaridade e centralidade nos estudantes.

Outro fator importante de ser mencionado é o investimento feito pela Instituição em infraestrutura, com o intuito de impulsionar a prática de metodologias diferenciadas e ativas. Um deles foi a criação da sala Uni InterAtiva[v], pensada para o desenvolvimento de metodologias ativas, que requer um *layout* que proporciona a mobilidade das carteiras/mesas para construção de grupos de colaboração e recursos subsidiados pelas Tecnologias da Informação e Comunicação-TIC's. A oficina foi ministrada nessa sala em dois turnos, o que contribuiu para a perfeita harmonia da dinâmica planejada para a atividade.

A oficina intitulada *Atividades com Metodologias Ativas – AMA*, foi ofertada em dois turnos, matutino e noturno, com duração de 3 (três) horas, sendo disponibilizadas 25 (vinte e cinco) vagas para cada turno. Na divulgação das inscrições, utilizou-se como descrição/ementa: "A oficina trabalhará com a uma das modalidades das Atividades Práticas Supervisionadas - APS. Tem como objetivo, conhecer e refletir sobre as metodologias ativas, pois propor metodologias ativas em cursos de graduação pressupõe uma revisão das práticas docentes e da própria concepção de aprendizagem. As metodologias ativas surgem como estratégias de ensino que têm como foco principal a ação do estudante que desafiado, busca pelo conhecimento que lhe será significativo e contextualizado, elevando a qualidade da sua aprendizagem".

No *site* da instituição, foram divulgados com antecedência, os títulos, a descrição de cada oficina com as respectivas datas e horários, oportunizando aos docentes optar por uma delas, de acordo com seu interesse. As oficinas *Atividades com Metodologias Ativas – AMA* aconteceram em quatro momentos, que descreveremos abaixo.

1º Momento: Boas-vindas e acolhida aos professores. Nesse momento, foi solicitado que cada participante das diversas áreas se apresentasse, com o objetivo de se conhecerem: área de atuação, curso que ministra aulas. Logo em seguida, foi feita uma explanação do tema por meio de exposição dialogada. Nesse momento, discutimos e refletimos sobre o conceito das Metodologias Ativas e suas contribuições para a construção de um aprendizado significativo.

2º Momento: Trabalho em grupos. No segundo momento, foi solicitado que os participantes se dividissem em 4 (quatro) grupos que, depois de organizados, receberam uma cartilha contendo 4 (quatro) estratégias metodológicas diferentes, conforme já detalhado na seção 2.1 deste artigo. Em seguida, foi orientado que cada grupo fizesse a leitura das estratégias, discutisse e avaliasse sua aplicabilidade, pensando em um assunto ou tema/conteúdo para que, após a escolha de uma metodologia, fosse elaborado o planejamento de uma Atividade Prática Supervisionada – APS. O tempo estipulado para discussão em grupo foi de 40 minutos. Esse momento foi muito importante pois proporcionou um rico compartilhar de experiências e saberes, por se tratar de professores de áreas distintas. Pôde-se perceber o grande desafio que os docentes enfrentam com relação ao planejamento e a importância da escolha de estratégias mais adequadas que atendam a determinados objetivos propostos. As ministrantes da oficina estiveram presentes em todo momento, mediando, sanando as dúvidas e orientando os participantes na realização da atividade.

3º Momento: Apresentação dos trabalhos. Para esse momento, disponibilizou-se 40 minutos para as apresentações, sendo que cada grupo contou com até 10 minutos para detalhar a atividade planejada. Os grupos escolheram as seguintes estratégias: Tempestade Cerebral, *Phillips 66*, Lista de Discussão por Meios Informatizados, Grupo de Verbalização e de Observação (GV/GO), Júri Simulado, Dramatização, Painel de Grupos e Aprendendo a Perguntar. Nas apresentações, houve muito envolvimento e grande interação entre os participantes, comprovando que, quando o sujeito é “ativo e protagonista” do seu conhecimento, o aprendizado acontece de forma “descontraída e agradável”. Percebeu-se, também, leveza na abordagem dos conceitos, entrosamento e uso da criatividade, o que é mais importante. O momento das apresentações foi a culminância da oficina. Como as estratégias foram diferentes para cada grupo, todos puderam conhecer outras estratégias metodológicas e suas aplicabilidades. Posteriormente, foi disponibilizado aos participantes as 16 estratégias contidas nas cartilhas, via e-mail.

4º Momento: Avaliação da Oficina. Nesse último momento, foi realizada a avaliação da oficina com o apoio da Tecnologia da Informação e Comunicação - TIC, por meio do aplicativo *Mentimeter*[vi], utilizando a pergunta geradora: “Em três palavras, descreva como foi a experiência desta formação”. Além de realizar a avaliação, os docentes perceberam que também poderão utilizá-la em sala de aula em diversas situações, como: *Brainstorm*, avaliações, etc.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para verificar se os objetivos propostos nas oficinas (manhã e noite) foram alcançados e bem-sucedidos, analisamos o comportamento dos professores e fizemos uma avaliação com o apoio da Tecnologia da Informação e Comunicação-TIC, por meio do aplicativo *Mentimeter*, com a seguinte pergunta: “Em três palavras, descreva como foi a experiência desta formação”.

Ao analisar as respostas das avaliações (todos os participantes responderam), percebemos que os professores demonstraram grande satisfação em participar da oficina. Ao descrever como foi essa experiência para eles, as palavras que mais se destacaram foram: “dinâmica”, “desafiadora”, “inovação”, “descontraída”, “enriquecedora” e “excelente”. Além disso, foi criado um álbum de fotos, compartilhado no *Google Fotos*[vii], com o intuito de socializar os momentos registrados. No

Google Fotos, alguns professores fizeram comentários positivos sobre a oficina, tais como: “Foi uma experiência incrível! Sem contar o ganho que tivemos em aprendizagem! Obrigada pela oportunidade” (Professora que participou). Em algumas redes sociais, também houve compartilhamento de fotos das oficinas, o que gerou comentários positivos e motivadores. Além disso, houve muito envolvimento, criatividade e interesse nas apresentações dos grupos. Foram momentos únicos de reflexão dos docentes que reviram suas práticas dentro e fora da sala de aula, percebendo que essas podem contribuir para um processo de ensino e aprendizagem ativo, que rompe com as barreiras da escola tradicional linear.

Ao término da oficina e em dias seguintes à realização da mesma, alguns docentes nos procuraram para sanar dúvidas, fazer intervenções e elogios. Essas manifestações nos indicaram avaliações positivas das oficinas realizadas.

5 CONCLUSÃO

A oficina retratada neste artigo não objetivou oferecer “receitas prontas” para os docentes, mas provocar e incentivar a reflexão sobre suas práticas, além de apresentar várias possibilidades de utilização de metodologias ativas, por meio da aplicação de estratégias diferenciadas.

Reafirmamos aqui o pensamento de Anastasiou e Alves (2010), ao enfatizarem que utilizar estratégias diversificadas é um grande desafio posto aos docentes. Porém, aprender, experimentar e inovar é muito importante, tanto para o professor quanto para os estudantes que almejam um processo de ensino e aprendizagem prazeroso, diferenciado, personalizado e significativo.

As oficinas nos renderam *feedback* positivos, demonstrando, assim, a importância e a relevância do tema nos contextos educacionais da Instituição em que foram desenvolvidas. Portanto, concluímos o trabalho com as oficinas confiantes de que foi uma experiência exitosa, tanto para nós quanto para os docentes e com a esperança de que estamos no caminho certo, o da inovação educacional.

Dessa forma, finalizamos este artigo com o mesmo pensamento do grande educador Rubem Alves[viii], lançado no encerramento da oficina, no qual o autor afirma que “há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas”, no ensejo de que os docentes participantes consigam alçar novos voos. Assim como sugere Rubem Alves, nós os incentivamos ao voo, uma vez que o “voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. **Processos de Ensino na Universidade**, pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Santa Catarina: Univille, 2010

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 6ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

MATTAR, João. **Metodologias ativas: para a educação presencial, blended e a distância**. 1. Ed. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

MIRANDA, Simão de. **Estratégias didáticas para aulas criativas**. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

MOREIRA, M. **Ensino e Aprendizagem: Enfoques Teóricos**. São Paulo: Moraes, 1985.

NEVES, Vander José das. MERCANTI, Luiz Bittencourt. LIMA, Maria Tereza. **Metodologias Ativas: perspectivas teóricas e práticas no ensino superior**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

OLIVEIRA, Marta Kohl de: **VYGOTSKY: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 4ª edição, 1997.

[1]Instituída pela Resolução CNE/CES nº 3, de 02 de julho de 2007, que aborda no item II do Art. 2º: atividades práticas supervisionadas, tais como laboratórios, atividades em biblioteca, iniciação científica, trabalhos individuais e em grupo, práticas de ensino e outras atividades no caso das licenciaturas.

[2]Paradigma descrito neste trabalho, refere-se ao repensar as concepções que fundamentam as ações educativas, objetivando a superação formal do ensino tradicional.

[3]Para mais informações sobre as metodologias consultar:

ANASTASIOU, Léa das Graças; ALVES, Leonir Passate. Estratégias de Ensino. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1390223/mod_resource/content/1/anastasiou.pdf. Acesso em: 09 Abr. 2019.

CAMARGO, Fausto. A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo, Porto Alegre: Penso, 2018.

CARVALHO, Fátima Franco de Oliveira e CHING, Hong Yug. Práticas de ensino-aprendizagem no ensino superior: experiências em sala de aula. Rio de Janeiro: Altas Books, 2016.

MIRANDA, Simão. Estratégias didáticas para aulas criativas. Campinas, SP: Papirus, 2016.

[4] Além de ofertar cursos de pós-graduação *Lato Sensu e Stricto Sensu*.

[5] A sala é equipada com 01 quadro branco, 02 (dois) projetores, 01 (uma) lousa digital com 02 (duas) canetas ópticas, 02 (dois) computadores com gabinete e um monitor de vídeo, 07 (sete) totens carregadores de celular, 14 (quatorze) mesas trapezoidais e 42 (quarenta e duas) cadeiras, 01 (um) aparelho de ar condicionado e 02 (duas) lixeiras.

[6] Usado para criar apresentações com *feedback* em tempo real, disponível em: <https://www.mentimeter.com/>.

[7] Permite o compartilhamento de fotos/vídeos em “nuvem”, por meio de um *link* para acesso.

[8] Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0512200109.htm>. Acesso em: 10 Abr 19.